

Introdução

01. Em 2014, a emigração portuguesa manteve-se em alta.¹ Tal como em 2013, mais de 110 mil portugueses deixaram o país. A persistência destes volumes elevados de saídas durante os últimos cinco anos teve como consequência um aumento do número de portugueses emigrados no mundo, o qual, de acordo com dados das Nações Unidas, ultrapassou em 2015 os 2,3 milhões de indivíduos.

02. A tendência para a estabilização da emigração num patamar elevado é convergente com a evolução das remessas recebidas em Portugal entre 2013 e 2014. Enquanto nos dois anos anteriores o seu valor subiu de modo significativo, respetivamente, 13% e 10%, em 2014 o crescimento observado em termos nominais foi apenas de 1%. Esta quase estabilização fez-se, porém, com os valores nominais mais elevados de todo o período posterior à adesão ao euro.²

03. O principal fluxo atual de emigração, para o Reino Unido, que integra quase um terço das saídas anuais de portugueses do país, também desacelerou. Em 2014, tal como em 2013, o número de portugueses que emigrou para o Reino Unido manteve-se nos valores mais elevados de que há registo, superiores a 30 mil indivíduos por ano (com um ligeiro aumento em 2014). Porém, depois de taxas médias de crescimento anual da ordem dos 35% entre 2011 e 2013,³ também no caso da emigração para o Reino Unido se observa hoje uma tendência para a estabilização num patamar elevado.

04. Depois de vários anos sem informação estatística oficial sobre a emigração para França com origem em países da UE, foram finalmente publicados, em 2015, dados sobre as entradas de estrangeiros com cidadania comunitária. De acordo com esses dados, a França continua a ser um dos principais destinos da emigração portuguesa, com valores mais elevados do que os previstos. Em 2012, emigraram para França 18 mil portugueses, mais do dobro do estimado pelo OEm no *Relatório Estatístico de 2014*.⁴ Os portugueses constituíram, em 2012, a nacionalidade com mais entradas em França, seguidos de argelinos e marroquinos. A França é, hoje, o segundo país de destino da emigração portuguesa.

¹ Os dados compilados nesta edição do *Portuguese Emigration Factbook* referem-se a 2014 (ou último ano disponível). Ver capítulos “Methodological remarks” e “Metadata”.

² Ver Vidigal e Pires (2014).

³ Ver Observatório da Emigração (2014).

⁴ Ver Pires, Pereira, Azevedo e Ribeiro (2014).

05. A estabilização da emigração portuguesa, em termos globais, esconde a existência de variações de sentido contrário que se anulam mutuamente, umas de descida dos fluxos, outras de subida. Assim, pela primeira vez depois do eclodir da crise financeira, o número de portugueses que emigrou para a Suíça diminuiu significativamente (-24%). No entanto, a emigração para este país continua a ter um valor elevado, pelo que a Suíça foi ainda o terceiro país para onde emigraram mais portugueses, depois do Reino Unido e da França. Esta mesma tendência para a diminuição do número de saídas em 2014, embora com intensidades varáveis, caracterizou também os fluxos para a Alemanha, Luxemburgo e Brasil.

06. Em sentido inverso, aumentou o número de entradas de portugueses na Bélgica, Moçambique e Espanha. Na Bélgica, o crescimento foi particularmente elevado, na casa dos 35%, o que faz deste país o oitavo destino mais importante da emigração portuguesa. No caso de Espanha, foi a primeira vez, desde o início da crise financeira, que aumentou o número de entradas de portugueses. A Espanha era, no início do século, o principal destino da emigração portuguesa, situação que se alterou profundamente depois da crise financeira em resultado da diminuição do emprego naquele país, sobretudo no sector da construção.⁵ A emigração para Espanha não desapareceu mas diminuiu substancialmente, passando de mais de 27 mil, em 2007, para pouco mais de cinco mil, em 2013. Em 2014, este número subiu 12%. A Espanha é, atualmente, o quinto principal país de destino da emigração portuguesa.

07. Os efeitos da crise sobre o volume da emigração portuguesa variaram ao longo dos últimos anos. Numa primeira fase, entre 2008 e 2010, a natureza global da crise financeira e, em particular, o impacto no emprego em Espanha acima referido, traduziram-se num decréscimo do número de saídas, em linha com o que aconteceu à época no espaço da OCDE.⁶ Desde 2010, com a natureza assimétrica da chamada crise das dívidas soberanas e os efeitos recessivos das políticas de austeridade, a emigração passou a crescer mais do que no período anterior à crise, estabilizando entre 2013 e 2014 na casa das 110 mil saídas por ano, o valor mais elevado desde 1974. É preciso recuar a 1973 para se encontrar valores para a emigração desta ordem de grandeza.

08. Aqueles valores elevados de emigração, conjugados com uma diminuição paralela da imigração, traduzem-se em saldos migratórios negativos desde 2011. Em 10 anos, entre 2004 e 2013, Portugal, que apresentava um saldo migratório positivo de quase 50 mil indivíduos, passou a ser um dos países europeus com saldo mais negativo em termos absolutos (-36 mil indivíduos), de acordo com os dados do Eurostat sobre migrações nos países

⁵ Ver Pinho e Pires (2013).

⁶ Ver OECD (2015).

da UE e EFTA. Em termos absolutos, só Polónia, Grécia e Espanha apresentavam saldos mais negativos. Descontando os efeitos dos movimentos de retorno, atrás de Portugal apenas apareciam Polónia e Roménia.

09. Apesar da emergência e crescimento de novos fenómenos migratórios caracterizados por maior circulação entre origem e destino e a acumulação de percursos de reemigração, os dados indicam uma tendência para a fixação dos novos emigrantes. Em 2014, a população portuguesa a residir no Reino Unido aumentou significativamente. Foram contabilizados mais 17.000 residentes nascidos em Portugal e mais 28.000 cidadãos com nacionalidade portuguesa. Estas variações do *stock*, que são o resultado das novas entradas subtraídas dos falecimentos, retornos e reemigrações, só podem ser explicadas pelo predomínio das tendências para a fixação dos emigrantes portugueses que se dirigem para o Reino Unido.

10. A população nascida em Portugal a residir no estrangeiro (*stock*) aumentou em todos os principais países de destino, à exceção de Espanha. Neste caso, o número de portugueses chegados nos últimos anos foi insuficiente para compensar o número dos que, em consequência da crise, voltaram para Portugal ou reemigraram para outros países (bem como dos que morreram em Espanha).

11. Em termos absolutos, é em França que há maior número de portugueses emigrados a adquirirem a nacionalidade do país de destino. Seguem-se Suíça, EUA e Luxemburgo. O número de processos de aquisição de nacionalidade, para além de refletir o número total de emigrantes em cada país e o seu tempo de fixação, depende também das políticas migratórias. Assim se explica, por exemplo, o elevado número de portugueses que adquiriram nacionalidade nos EUA, por comparação com outros países onde residem mais emigrantes portugueses.⁷

12. A análise dos dados dos censos de 2001 e 2011 nos países da OCDE, disponibilizados por esta organização internacional (base de dados DIOC), permite caracterizar a população portuguesa emigrada nos diferentes países de destino e identificar as suas principais transformações durante a primeira década do novo século. Permite, ainda, distinguir os diferentes perfis migratórios da antiga e da nova emigração. As observações que se seguem referem-se a esses dados.

13. Embora na população portuguesa emigrada predominem os indivíduos em idade ativa, existe uma tendência geral para o envelhecimento que resulta do facto de o recente crescimento da emigração ser ainda insuficiente para compensar a redução verificada entre 1974 e os finais do século XX. O grupo etário dos nascidos em Portugal a residir no estrangeiro com mais de 64 anos passou de 9% para 16%, entre 2001 e 2011, no conjunto dos países

⁷ Ver Espírito-Santo e Pires (2014).

da OCDE, graças sobretudo ao contributo do grande envelhecimento observado nos países de destino do continente americano, para onde diminui muito a intensidade dos fluxos de entrada de novos portugueses. No Canadá, aquela percentagem atingiu os 28% em 2011, valor que contrasta fortemente com o de 7% observado, no mesmo ano, no Reino Unido, o principal país de destino da nova emigração.⁸

14. Predominam também, entre os portugueses emigrados, os indivíduos com baixas e muito baixas qualificações, embora se observe um crescimento significativo da proporção dos mais qualificados. A percentagem dos portugueses emigrados com formação superior a residir nos países da OCDE praticamente duplicou, passando de 6% para 11%, entre 2001 e 2011. Nos principais países de destino dos atuais fluxos de emigração a partir de Portugal, a situação é, no entanto, bastante diferente. No Reino Unido, a percentagem dos nascidos em Portugal com mais de 15 anos que dispunham de um diploma do ensino superior era, em 2011, de 38%. No polo oposto, aquela percentagem ficava-se pelos 7% entre os nascidos em Portugal a residir em França e os 4% entre os nascidos em Portugal que se fixaram no Luxemburgo.

15. A proporção dos nascidos em Portugal a residir no estrangeiro com mais de 15 anos que dispunham de um diploma do ensino superior, em 2011, é superior entre os que emigraram recentemente, há cinco ou menos anos. Esta percentagem decresce progressivamente entre os que saíram do país há mais anos. De forma inversa, nos que emigraram há dez ou mais anos é superior a percentagem dos nascidos em Portugal a residir no estrangeiro com ensino básico, diminuindo essa percentagem entre os que saíram do país mais recentemente.

As características da emigração para o Reino Unido nos últimos anos ilustram bem esta tendência para uma crescente qualificação da emigração portuguesa recente, sobretudo aquela que se dirige para os novos destinos.⁹

16. A estrutura das qualificações reflete-se nas profissões dos portugueses emigrados, entre os quais predominam as profissões manuais, nomeadamente os operários e trabalhadores não qualificados. Tal como acontece com as qualificações, esta estrutura varia bastante nos principais países de destino da OCDE. Em 2011, o Luxemburgo era o país com maior percentagem de trabalhadores não qualificados entre os portugueses emigrados (36%), bem como com uma das mais baixas percentagens de dirigentes e quadros (10%). Inversamente, Dinamarca, Suécia e Irlanda eram os países com maior proporção de portugueses em profissões qualificadas (superior a 40%).

⁸ O mesmo processo de envelhecimento pode ser observado nas populações portuguesas estabelecidas noutros países que, no passado, constituíram destinos importantes da emigração portuguesa, como o Brasil ou a Venezuela. Ver Pires, Machado, Peixoto, e Vaz (2011).

⁹ Ver Pereira (2015).

17. Refira-se, para finalizar, que os dados dos censos permitem identificar com clareza o crescimento da emigração para novos destinos e, simultaneamente, a tendência para a fixação tanto da nova emigração como da mais antiga. Nos novos destinos, Reino Unido, Noruega, Dinamarca e Irlanda, a percentagem de emigrantes portugueses com menos de dez anos de estadia era superior a 50%, em 2011, o que confirma o crescimento recente da emigração para estes países. Pelo contrário, a grande diminuição da emigração para os principais países de destino antes de 1974 (França, EUA e Canadá) tem tradução no facto de a percentagem de portugueses com um tempo de estadia de dez e mais anos superar os 90% nestes países, em 2011. No entanto, mesmo nos países da nova emigração a percentagem de portugueses neles fixados há mais de cinco anos era superior a 40%.

18. O *Factbook* está organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo disponibiliza os dados agregados sobre a emigração portuguesa total, muitos dos quais são estimativas, bem como dados comparados sobre a emigração portuguesa e mundial. O segundo capítulo disponibiliza informação mais pormenorizada sobre quatro indicadores da emigração portuguesa para os principais países de destino: fluxos, estoques, nacionalidade e registos consulares. O terceiro capítulo reúne a principal informação sobre as remessas recebidas em Portugal e enviadas de Portugal. O quarto capítulo tem um conteúdo anualmente variável. No primeiro número, publicado em 2014, o *Factbook* disponibilizou séries cronológicas sobre a emigração portuguesa, que cobrem todo o século XXI, para os principais países de destino.¹⁰ Na edição deste ano, são disponibilizados os dados dos censos de 2000/01 e de 2010/11 sobre as características sociodemográficas das populações portuguesas emigradas nos principais países de destino. O *Factbook* inclui ainda a informação básica sobre os indicadores e fontes consultados (notas metodológicas, metadata e glossário).

¹⁰ Ver Observatório da Emigração (2014). Ver também Pires, Rui Pena, Cláudia Pereira, Joana Azevedo, Inês Espírito-Santo, Inês Vidigal e Ana Cristina Ribeiro (2015).